

# **A variação de preposições e os fatores linguísticos: analisando a natureza semântica do predicador e de seus complementos em cartas de leitoras brasileiras e portuguesas**

(The variation of prepositions and linguistic factors: analyzing the semantic nature of the predicator and their complements in Brazilian and Portuguese letters from readers)

**Letícia Cordeiro de Oliveira Bueno<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Departamento de Linguística e Língua Portuguesa – Universidade Estadual Paulista (Unesp)

lecabueno@yahoo.com.br

**Abstract:** Having as reference the Sociolinguistic and Historical Linguistic studies, this article aims to investigate the variation of prepositional variation in letters from readers of Brazilian and Portuguese women's magazine. Based on the social character of language, the aim is to correlate the use of studied prepositions and the semantic nature of the predicator and their complements. To that end, this analysis will follow the theoretical and methodological principles of the Theory of Linguistic Variation and Change.

**Keywords:** semantic nature of the predicator; variation of preposition; Theory of Linguistic Variation and Change.

**Resumo:** Tomando como referência os estudos em Sociolinguística e Linguística Histórica, este artigo pretende investigar a variação de preposições em cartas de leitoras de revistas femininas brasileiras e portuguesas. Pretende-se, com base no caráter social da linguagem, relacionar o uso das preposições selecionadas com a natureza semântica do predicador e de seus complementos. Para tanto, essa análise seguirá os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas.

**Palavras-chave:** natureza semântica do predicador; variação de preposição; Teoria da Variação e Mudança Linguísticas.

## **Introdução**

A Sociolinguística, tal como proposta pela Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), tem como princípio analisar a correlação entre fatores sociais e a estrutura das línguas e seus funcionamentos. Sendo assim, fica claro que tanto os fatores internos quanto os externos são de extrema importância para os estudos sociolinguísticos. É através dessa teoria que a noção de “mudança em progresso” passa a ser incorporada à organização das línguas, uma vez que esta se dá de forma lenta e gradual.

Sabemos também que todas essas possíveis mudanças são regidas por um complexo jogo de valores sociais, que podem bloquear, retardar ou acelerar a expansão de uma determinada variante. Dessa forma, pode-se dizer que a mudança é também determinada por motivações sociais, que fazem com que uma variedade seja mais prestigiada do que outra. É no uso das variantes linguísticas que se encontra a diversidade dos grupos sociais, tornando-se possível observar também o quanto eles são sensíveis ao uso de uma ou outra norma de prestígio. Ainda que a mudança não seja perceptível e ocorra sempre de forma lenta e gradual, ela é característica primeira na organização das línguas e de suas relações sociointeracionais.

É com base nesses pressupostos e nos estudos em Linguística Histórica e Sociolinguística que este trabalho se propõe a analisar a variação de preposições em textos de cartas de leitoras de revistas femininas atuais brasileiras e portuguesas, importando o fato de que o gênero textual “cartas de leitoras” mostra-se bastante permeável à oralidade, assim como apontado por Marine (2009). Foram selecionadas quatro preposições – **a**, **até**, **em** e **para** – identificadas como variantes em contexto de complementação verbal no português (GUEDES; BERLINCK, 2003; TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006; BERLINCK, 2011).

Para a análise, foram selecionadas as cartas de duas revistas femininas destinadas ao público adolescente: a revista *Capricho*, brasileira, datada de 2002 a 2010; e a revista portuguesa *Bravo*, datada dos anos de 2010 e 2011. Tomaram-se como ponto de partida para tal pesquisa as seguintes questões: (i) observa-se a variação das preposições selecionadas também no PE?; (ii) se há variação, ela obedece às mesmas restrições no PE que aquelas observadas para o PB?

Buscando esse objetivo geral, privilegiou-se a análise mais apurada de dois fatores de natureza linguística que estudos anteriores revelaram ser capazes de explicar a distribuição e as possíveis diferenças existentes no uso dessas preposições: a *natureza semântica do predicador* (se de direção ou de transferência e, nesse último caso, o tipo de transferência significada – material, material com movimento ou verbal) (BERLINCK, 1996); e a *natureza semântica do complemento* (se denota um lugar, um ser animado – e, em especial, humano –, ou outra entidade que não se enquadre nessas características).

Espera-se encontrar um uso maior das preposições **até**, **em** e **para** nos dados analisados no PB, enquanto, para os dados do PE, a hipótese inicial é de que a preposição **a** prevaleça. Pretende-se, através dessa análise, apontar explicações e justificativas para as diferenças existentes entre os usos dessas preposições nas cartas brasileiras e portuguesas, de modo a determinar em que medida essa distribuição revela padrões diferentes de uso em relação às normas vigentes.

Nas seções abaixo seguem algumas considerações sobre as quatro preposições em questão e o *corpus* analisado, além de uma breve conceituação sobre os tipos verbais trabalhados, a norma linguística e o gênero textual “carta de leitoras”.

## Orientações teórico-metodológicas

### O uso das preposições e a variação linguística

Sobre o papel expressivo das preposições nas línguas românicas, sabemos que tal fato pode ter se dado a partir da “evolução do latim e da consequente perda das flexões casuais nos nomes”, o que levou, então, “as línguas românicas a explorarem diferentes recursos sintáticos para a expressão das relações da sentença, entre eles, a ordem das palavras e o enriquecimento funcional das preposições” (TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006, p. 73). Assim, o enfraquecimento dos casos morfológicos conduz a um emprego cada vez maior das preposições, uma vez que “as línguas românicas eliminaram a flexão casual e a marca da subordinação ao verbo recaiu exclusivamente na preposição. Concomitantemente aplicou-se muito o seu uso com os complementos verbais” (CÂMARA JR., 1985, p. 175).

Quanto aos valores e sentidos atribuídos às preposições, constatamos que a dificuldade de percepção dos valores semânticos de cada um desses elementos foi suficiente para que se afirmasse que as preposições pudessem ser consideradas como palavras vazias<sup>1</sup> (TESNIÈRE<sup>2</sup> apud POGGIO, 2002, p.100). Porém, ao observamos um estudo iniciado pelo professor Carlos Franchi, que conta com um levantamento de cerca de cinco mil exemplos extraídos do *corpus* compartilhado do Projeto NURC, temos que, de 5215 ocorrências registradas, 31% pertencem à preposição **de**, 27% a **em**, 12% a **para** e 10% a **a**. Assim, quatro preposições correspondem a cerca de 80% do total de ocorrências (ILARI et al., 2008, p. 624).

Apesar da vasta quantidade de preposições existentes, percebemos, então, que apenas aquelas que apresentam uma maior variedade de sentidos são as mais usadas. Além disso, quando uma preposição “é usada com maior frequência, ela tende a tornar-se mais abstrata, sendo maior o seu valor gramatical” (BORBA apud POGGIO, 2002, p.104). Assim, tais fatos permitem-nos pensar que, se uma única preposição pode ser empregada em diferentes construções e contextos, é praticamente inaceitável a afirmação de que esses elementos são palavras vazias de sentido.

Assim, o fato de as preposições pertencerem a classes gramaticais fechadas não as torna vazias de sentido. Mais do que isso: “a alegada ‘ausência de sentido’ das preposições é o que se poderia chamar de ‘transposição de esquemas sem motivação aparente’”, o que significa que “não é qualquer preposição que pode combinar-se com qualquer verbo, substantivo ou adjetivo, porque há uma motivação, ainda que atualmente “invisível”, por trás dessa combinação” (ILARI et al., 2008, p. 632).

Dessa forma, ao analisarmos os exemplos “*Ceguei de Recife*” e “*Ceguei em Recife*”, notamos que há uma diferença de sentido entre as duas construções provocada pela alternância da preposição, que, por isso, não pode ser considerada como um “‘mero instrumento gramatical’, ‘vazio de sentido’” (ILARI et al., 2008, p. 632). Além disso, “mesmo que cada preposição possua uma significação fundamental e todas elas sejam distintas entre si, é possível que duas ou mais delas possam empregar-se na mesma frase com o mesmo sentido” (POGGIO, 2002, p. 113).

As preposições selecionadas para esse estudo, segundo Ilari *et al.* (2008), são preposições que atribuem à figura a noção de ponto final de um percurso. Exemplos como (1) “**Ir ao cinema**, comer um gelado.” (Bravo, 31/05/2011, p. 34); (2) “Parece que ainda não caiu a ficha que estou **indo para Taiwan** sozinha, com 15 anos de idade.” (Capricho, 23/11/2008, p. 12); (3) “Um dia o Gustavo (feito) ligou para mim e, enquanto **fui no meu quarto** pegar meu dever, minha irmã pegou o celular e disse para o Gustavo (feito) pensando que era o Gustavo (bonito) [...]” (Capricho, 22/01/2006, p. 85) mostram que as preposições **a**, **em** e **para** entram em variação sintática quando acompanham verbos de movimento. Já a preposição **até** especifica o ponto final de um percurso, cujo ponto inicial fica pressuposto, assim como vemos em (4) “**Vai até a piscina** e apresenta-se ao grupo.” (Bravo, 27/07/2010, p. 44).

1 Poggio (2002, p. 101) afirma que, “ao tentar-se estabelecer uma distinção fundamental entre vários tipos de preposições, há uma discussão entre os linguistas sobre as chamadas ‘preposições vazias’ das línguas românicas. O termo ‘vazias’ foi introduzido por J. Vendryes com sentido de ‘morfema gramatical dependente do contexto’”.

2 TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1976.

Pode-se afirmar, então, que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de uma situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que seja preciso levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas. Isso porque a maior ou menor intensidade significativa da preposição depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida. Assim, é a partir dessa significação fundamental que se abre espaço para que as preposições em questão funcionem como variantes.

### Compreendendo a tipologia verbal trabalhada

Sendo as preposições **a**, **até**, **em** e **para** variantes em contextos de complementação verbal no português, faz-se necessária uma compreensão acerca dos tipos verbais aqui trabalhados, de modo que a relação *verbo / preposição / complemento* seja melhor explicitada. Segundo Berlinck (1996, p. 128), serão as diferenças na caracterização semântica do verbo e os elementos que ele subcategoriza que permitirão a distinção de quatro tipos de estruturas transitivas: (i) *transferência material*, (ii) *transferência verbal e perceptual*, (iii) *movimento com transferência* e (iv) *movimento abstrato*.

De acordo com a tipologia verbal aqui trabalhada e já explicitada anteriormente, serão brevemente abordadas, nesta seção, as três primeiras estruturas transitivas apontadas por Berlinck (1996). Além disso, trataremos aqui também dos chamados *verbos leves*, tipo verbal por nós selecionado pertencente às estruturas transitivas.

Ao estudarmos os verbos de *transferência material*, temos, segundo Berlinck (1996, p.129), que esse “grupo é prototipicamente representado pelo verbo ‘dar’. Aqui, o sujeito (N<sub>i</sub>) faz com que o OD (N<sub>i</sub>) passe a pertencer ao dativo (N<sup>2</sup>). Numa situação contrária, o OD, ao invés de passar a ser domínio do dativo, é retirado de seu controle (BERLINCK, 1996). A autora assim resume as propriedades distribucionais desse tipo de construção: [+/- animado]N<sup>0</sup> + V + [(+)/- animado]N<sub>1</sub> + {a,para,de}[+/- animado]N<sub>2</sub><sup>3</sup>.

Quando analisamos os verbos de *transferência verbal e perceptual*, temos, segundo Berlinck (1996, p.131), que o verbo “dizer” é o mais prototípico dessa classe. Este tipo verbal transmite o conceito geral de transferência verbal ou perceptual, caracterizado “não pela transferência de uma entidade concreta, como acontece com os verbos de transferência material, mas sim pela transferência de algo abstrato, como efeito de um ato de comunicação” (BERLINCK, 1996, p. 131 – tradução nossa<sup>4</sup>). As propriedades distribucionais de uma construção com esse tipo verbal pode ser descrita como [+/- animado] N<sup>0</sup> + V + [-animado]N<sup>1</sup> + {a, para} [+animado]N<sup>2</sup>.

3 O uso de colchetes com as preposições indica que há alternância entre elas na atualização da construção.

4 No original: “This does not involve the transfer of a concrete entity (as in the case of group 1), but rather the transfer of an abstract one, since, as the effect of an act of communication, N<sup>0</sup> makes N<sup>2</sup> possess a certain knowledge, a certain idea, or certain perception (N<sup>1</sup>).”

Sobre o terceiro tipo verbal, aquele que aborda os verbos de *movimento com transferência*, Berlinck (1996, p. 132 – tradução nossa<sup>5</sup>) nos diz que “este grupo representa uma extensão da ideia de transferência porque ele completa esta noção com a de um movimento físico”. O seu verbo prototípico é “levar”, mas conta também com outros como “acrescentar”, “atirar”, “conduzir”, “dirigir”, “encaminhar”, “instilar”, “lançar”, “levar”, “por” e “trazer”. A estrutura de uma sentença com este tipo verbal pode ser expressa por [+/- animado]N<sup>o</sup> + V + [+/- animado]N<sup>1</sup> + {a, para, em de} [+/- animado]N<sup>2</sup>.

O último tipo verbal pertencente às estruturas transitivas são os verbos *leves*, definidos por Cyrino, Nunes e Pagotto (2009, p. 66) como verbos “com conteúdo mais gramatical que semântico, cuja função primordial é a de formar predicados complexos, associando propriedades verbais (como tempo, por exemplo) a seu complemento”. Sabemos que há uma relação semântica estabelecida entre o verbo e seu argumento externo e que, no caso de construções transitivas, o verbo e o seu complemento são envolvidos.

Para Neves (2011, p. 54-55), as construções com os verbos *leves* “têm como complemento um sintagma nominal não referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante”. Para a autora, esses verbos compõem-se de:

- (i) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;
- (ii) um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação. (NEVES, 2011, p. 54)

Normalmente, esse tipo verbal é identificado em construções que apresentam os verbos “dar”, “oferecer”, “conferir”, “levar”, “entregar” e “trazer”.

Aos observamos as estruturas intransitivas, deparamo-nos com outros três tipos verbais (verbos de interesse, verbos de movimento e verbos de movimento psicológico), sendo que destacaremos aqui apenas o segundo grupo, composto pelos verbos de movimento ou direção. Para Berlinck (1996, p. 136 – tradução nossa<sup>6</sup>), “as estruturas intransitivas com um complemento dativo servem para descrever um estado de associação entre os dois argumentos do verbo”.

É com base, então, na tipologia verbal acima descrita que serão determinadas quais são as preposições que introduzem o complemento de predicadores de *direção*, de *movimento com transferência* e de *transferência material e verbal/perceptual*. Buscamos, por meio da compreensão acerca da estruturação e organização desses tipos verbais, alcançar com maior precisão os objetivos descritos no início deste trabalho, de modo a colaborar com as análises e os resultados.

5 No original: “This group represents an extension of the idea of transfer because it complements this notion with that of a physical motion”.

6 No original: “Intransitive structures with a dative complement serve to describe a state of association between the two of the verb”.

## **Aplicando conceitos: as normas brasileira e europeia e as preposições**

Faz-se aqui necessário compreender também as normas linguísticas, assim como seus modos de organização e aplicação em uma determinada comunidade de fala. Tomou-se, como ponto de partida para tal, os trabalhos de Aléong (2001), Bagno (2003), Faraco (2008), capazes de promover e facilitar a compreensão do tema e sua relação com o objeto de estudo deste artigo. Valemo-nos aqui, a princípio, das definições de norma culta e norma padrão, sendo a primeira caracterizada como a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas; e a segunda entendida como aquela codificada pelos manuais de gramática como modelar para a escrita.

Com base nessas definições e em estudos comparativos do PB e do PE, que mostram que essas duas variedades do português apresentam diferenças em todos os níveis de gramática (MAGALHÃES, 2006), é possível pensar que as diferenças existentes entre essas duas variedades do português podem ser sustentadas, cada qual, por suas respectivas normas linguísticas. Isso porque todo modelo teórico da linguagem verbal tem, inexoravelmente, de se posicionar frente à variabilidade supra individual, ou seja, frente às diferentes variedades que constituem uma língua. Sobre isso, Paul Teyssier, na introdução de seu Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil (1989, p. 15), afirma que

[...] existem diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil. Essas diferenças abrangem todos os aspectos da língua – fonética, vocabulário, morfologia, sintaxe [...]. Há portanto duas normas do português [a norma portuguesa e a norma brasileira], cada uma das quais forma um sistema autónomo e coerente.

Seguindo, então, esse pensamento, é preciso, aqui, retomar os conceitos de norma acima apontados e reforçar o princípio de que uma determinada norma linguística pode ser assim considerada por ser ela recorrente na fala de todos, uma vez que a norma seria, então, o conjunto de usos recorrentes. Deste modo, entendemos norma como sendo produto das escolhas linguísticas adotadas pelos falantes, assim como a posição destes frente a esses e outros usos da língua. Ao adotar este caminho para a discussão aqui proposta, torna-se pertinente afirmar que nem sempre a norma linguística estará diretamente relacionada com as prescrições trazidas pelas gramáticas tradicionais.

Assim, intuímos que as variedades brasileira e europeia do português são, a princípio, sustentadas por suas respectivas normas linguísticas visto que, para cada uma dessas variedades, encontramos conjuntos diferentes de usos recorrentes, ainda que os Manuais de Gramática nos apresentem conteúdos bastante similares. Ainda que a norma-padrão do Brasil se assemelhe em muito à de Portugal, acreditamos que a norma culta dos dois países é fundamentalmente responsável por sustentar os diferentes usos linguísticos peculiares de cada uma dessas variedades do português, noção essa que pretendemos melhor explicar com a análise detalhada de nossos dados.

## **O gênero “carta de leitoras”**

Entende-se gênero textual como sendo as atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao

exercício do poder (MARCUSCHI, 2002a, p. 2). Para Marcuschi (2002a), os gêneros textuais estão muitas vezes imbuídos de valores, sendo mais do que guias neutros para a realização de certas atividades comunicativas. Sobre isso, pode-se pensar que as formas de comunicação reconhecíveis e autorreforçadoras emergem como gêneros, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias.

Ao relacionar os conceitos expostos com o *corpus* aqui trabalhado – cartas de leitoras de revistas femininas, percebe-se que as cartas são capazes de evidenciar o quanto um gênero textual pode ser misto, já que elas se situam no entrecruzamento da fala e da escrita (MARCUSCHI, 2008b).

Assim, ao se acreditar que as cartas de leitoras apresentam elementos diversos da oralidade, pode-se também supor que esse gênero, dentro de um *continuum* de formalidade, está, então, mais próximo daquilo que é considerado menos formal, uma vez que sua composição se dá através de traços orais que fogem, muitas vezes, à norma padrão. Percebe-se, desse modo, que as relações entre fala e escrita “refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta por essas duas modalidades de uso da língua” (MARCUSCHI, 2008b, p. 34).

Além disso, ainda que as cartas tenham sofrido algumas mudanças e adaptações ao longo dos tempos,<sup>7</sup> podemos pensar nesse gênero como sendo capaz de ilustrar as mais diversas relações estabelecidas entre aquele que escreve e o seu destinatário, uma vez que “a carta se baseia em um efeito simultâneo de presença e ausência, no qual, embora o receptor esteja sempre presente no texto, sua presença continuamente nos sugere um outro lugar” (VIOLI<sup>8</sup> apud MARINE, 2009, p. 128).

Para Marcuschi (2002b), isso pode significar que as cartas fazem parte de uma comunicação assíncrona, ou seja, que não ocorre em tempo real e que normalmente é defasada pelo tempo. Porém, não podemos assumir que as cartas ignorem o seu possível caráter oral por se distanciarem de situações comunicativas mais espontâneas, como as situações de fala. Ainda que assim colocadas, por serem um gênero escrito e se localizarem fora do espaço temporal, vale enfatizar que esse gênero, principalmente pelas relações que é capaz de estabelecer entre leitor e destinatário, “parece ser um meio flexível, na qual muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções” (BAZERMAN<sup>9</sup> apud MARINE, 2009, p. 129).

Sendo assim, as revistas *Capricho* e *Bravo* foram escolhidas devido às diversas semelhanças que elas apresentam quanto aos seus modos de organização. Tanto a revista *Capricho* como a *Bravo* são destinadas ao público feminino e adolescente, o que faz com que elas abordem, então, assuntos bastante parecidos: as duas revistas apresentam seções sobre moda e beleza, trazem reportagens sobre os ídolos de suas leitoras, falam sobre música e televisão, trazem testes e discutem temas que tratam das dúvidas e angústias dessas adolescentes.

7 O gênero carta surgiu como carta comercial no início do século XVII e só após meados desse século é que elas foram se tornar privadas (YATES apud MARCUSCHI, 2002b, p. 22) – YATES, S. J. Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: BARTON, David; HALL, Nigel (Ed.). *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 233-251.

8 VIOLI, P. Cartas. In: Van Dijk, T. *Discurso y literatura?*. Madri: Visor, 1999. p.181-203.

9 BAZERMAN, C. *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007.

Quanto às cartas de leitoras publicadas nessas revistas, entende-se que, de modo geral, elas apresentam como objetivo esclarecer as dúvidas e questionamentos de suas leitoras, respondendo às perguntas por elas enviadas. Através das perguntas enviadas, é possível notar o grande envolvimento das leitoras para com as revistas, já que elas esperam por dicas, conselhos e soluções sobre como lidar com determinados problemas ou desafios.

Com base nessa relação firmada entre as leitoras e a revista, é possível trazer à tona o conceito de dialogismo, encontrado em Bakhtin. Esse conceito pode ser definido através da relação estabelecida entre o “eu” e o “outro”, no sentido de que todo sujeito somente se constitui a partir dessa relação, uma vez que, para Bakhtin, o “outro” é sempre responsável por dar acabamento ao “eu” do discurso (ALVES, 2008, p. 12). Em outras palavras, estabelece-se aqui uma forte relação entre aquilo que é dito e o seu contexto de enunciação, firmando a relação existente entre o “eu” e o “outro”. Isso significa que o “outro” é responsável pela constituição do “eu” e que é por meio desse diálogo com o “outro” que o “eu” é capaz de construir sua identidade. Aqui, é possível expressar o conceito de alteridade, necessário, então, para que o “eu” se constitua.

É nesse sentido que se torna possível identificar o diálogo estabelecido entre as leitoras de revistas femininas, que escrevem para essas revistas em busca de respostas totalmente responsáveis pela formação de suas identidades. Assim, cada leitora advém de um determinado contexto sociocultural e busca encontrar, nas respostas oferecidas pelas revistas, significados ideológicos capazes de constituírem o seu “eu”. Para que cada uma dessas respostas seja, de fato, analisada, é preciso também ressaltar, seguindo os pensamentos de Bakhtin, que “a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores” (FARACO, 2009, p. 55).

Ao trabalhar a noção de gênero, e mais especificamente as cartas de leitoras de revistas femininas, acreditamos ser importante a afirmação feita por Fairclough (2011), que nos diz que, se por um lado o discurso reflete a realidade social, por outro, constrói essa mesma realidade. Assim, fenômenos linguísticos são sociais, bem como fenômenos sociais são linguísticos, no sentido de que a linguagem age em todos os contextos e práticas (FAIRCLOUGH<sup>10</sup> apud KNOLL; PIRES, 2008, p. 3).

## Uma primeira análise e seus resultados

Partindo-se do fato de que as mudanças sintáticas são caracterizadas por eventuais alterações na organização dos constituintes de uma sentença, este estudo teve como base a análise do material sintático a partir dos valores assumidos pelas preposições **a**, **até**, **em** e **para**. Sendo assim, buscou-se aqui determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento dos predicadores selecionados e como se distribuem em termos de frequência.

Para isso, realizamos o levantamento de dados nas cartas de leitoras das revistas *Capricho* e *Bravo*, e obtivemos, para cada uma delas, um resultado bastante diferente. Foram analisados, no total, 576 dados, dos quais 330 pertencem à revista brasileira *Capricho*

---

10 FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2011.



e 246 à revista portuguesa *Bravo*. Quanto a esses dados, podemos afirmar que, na revista portuguesa, houve a prevalência da preposição **a** em relação a todos os grupos de fatores trabalhados, enquanto que a revista *Capricho*, ainda que apresentando em sua maioria casos relacionados às outras preposições (**até**, **em** e **para**), mostrou resultados mais balanceados quando contrapostos ao uso da preposição **a**.

Entre os 246 dados pertencentes à revista *Bravo*, temos que 199 dados apresentam a preposição **a** e apenas 47 deles correspondem às “outras preposições”, sendo um único caso com **até**, nenhum caso com **em** e 46 casos com **para**. Quando observamos os dados da revista *Capricho*, notamos que 188 casos dos 330 apresentem as preposições **até**, **em** e **para**; a preposição **a**, mesmo que em menor quantidade, ainda apresenta-se em número bastante significativo, com 142 casos.

Os gráficos abaixo ilustram de forma mais didática esses resultados gerais, confirmando a nossa hipótese inicial de que encontraríamos diferenças bastante significativas ao compararmos o uso dessas preposições no português brasileiro e europeu e, conseqüentemente, no modo como suas respectivas normas se apresentam. Assim, apostamos novamente na importância do gênero textual “carta de leitoras” quando relacionado à incorporação de novas preposições em suas construções, como observamos nos casos retirados das revistas *Capricho* e *Bravo*, que relevam certa permeabilidade aos traços orais, cada qual marcada pelo uso significativo de uma ou outra preposição.

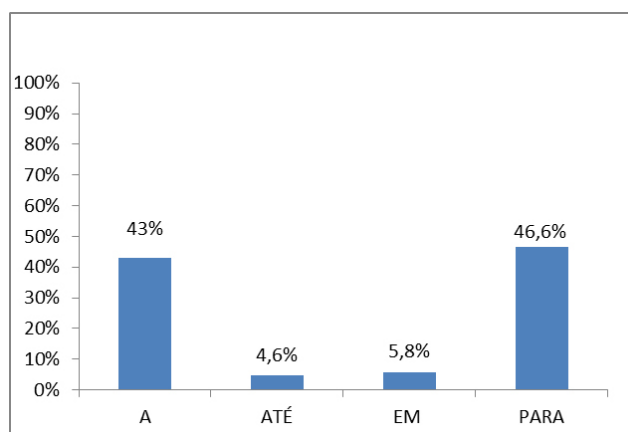


Gráfico 1: Uso das preposições na revista *Capricho*

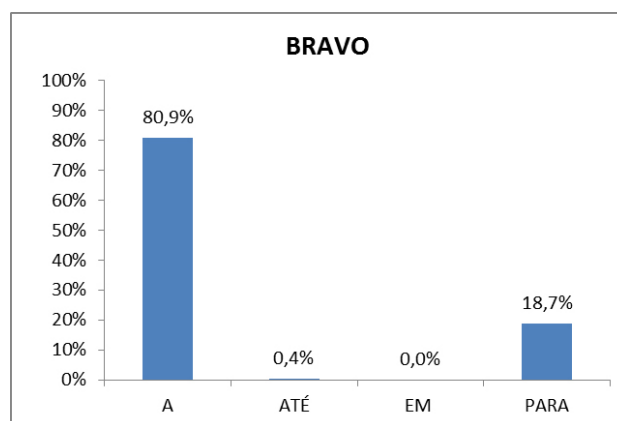


Gráfico 2: Uso de preposições na revista *Bravo*

Visando estabelecer uma maior relação com os grupos de fatores aqui selecionados – *tipos de verbo e natureza do complemento* –, trazemos abaixo uma análise mais específica, porém ainda inicial e preliminar, dos dados levantados, a fim de contribuir para um maior entendimento acerca dos assuntos estudados e desenvolvidos neste trabalho.<sup>11</sup>

Ao observarmos, nas revistas *Capricho* e *Bravo*, o uso das preposições em relação aos tipos de verbos analisados, podemos notar que temos resultados bastante divergentes e significativos, como nos mostra a Tabela 1.

**Tabela 1: O emprego das preposições e os tipos verbais**

Tipo de Verbo - Ocorrências				
	Capricho		Bravo	
	Outras	Prep. A	Outras	Prep. A
<b>Transferência verbal</b>	83,8% (31)	16,2% (06)	1,6% (01)	98,4% (63)
<b>Direção</b>	50,8% (124)	49,2% (120)	25,9% (41)	74,1% (117)
<b>Verbos leves</b>	44,4% (08)	<b>55,6% (10)</b>	8,3% (01)	91,7% (11)
<b>Transferência material</b>	90% (18)	10% (02)	16,7% (01)	83,3% (05)
<b>Movimento com transferência</b>	63,6% (07)	36,4% (04)	<b>50% (03)</b>	<b>50% (03)</b>

Na revista *Capricho*, temos a predominância das preposições **até**, **em** e **para** com praticamente todos os tipos verbais, com exceção dos verbos *leves* que apresentam 08 casos com “outras preposições” e 10 casos com a preposição **a**, como vemos no exemplo abaixo.

- (05) “Parece que tudo que era tão bom tem que ter um fim **para dar espaço a novos começos**.”  
[*Capricho*, 29/03/2009, p. 8]

Notamos, ainda, que são os verbos de *transferência verbal*, como vemos no exemplo (06), que apresentam o maior número de casos com “outras preposições”, com 83,8% dos dados.

- (06) “O ano passado inteiro eu **pedi para a minha mãe** me deixar viajar com os meus primos...”  
[*Capricho*, 15/01/2012, p. 9]

Praticamente o mesmo acontece com a revista *Bravo*, porém numa situação inversa, já que é a preposição **a** que prevalece em relação a todos os tipos de verbos selecionados, excetuando-se os verbos de *movimento com transferência* que se mostraram equiparados, com três casos com a preposição **para** e três casos com a preposição **a**, como vemos nos exemplos de (07) a (08).

- (07) “Raramente **levo sutiã para a escola**, mas no outro dia levei, para mostrar aos mais velhos que não era infantil.” [ *Bravo*, 29/06/2010, p. 21]
- (08) “[...] damos as mãos, trocamos olhares e sorrisos e **levo-a a casa** de bicicleta.” [ *Bravo*, 21/09/2012, p. 36]

Os verbos de *transferência verbal* destacam-se com 63 casos com a preposição **a** e apenas um com a preposição **para**, mostrado em (09). O mesmo acontece com os verbos *leves* e de *transferência material*, que apresentam também um único caso com a

11 Para esses cruzamentos, foi trabalhada a oposição **a X** “outras preposições”, devido ao número reduzido de dados.

preposição **para**, apresentados, respectivamente, nos exemplos (10) e (11). Além disso, ressaltam-se os verbos de *direção*, com 74,1% dos casos com a preposição **a** (117 em 158 casos), como ilustra (12).

- (09) “O facto é que ela merece o mesmo respeito que tu **pedes para ti**.” [Bravo, 21/09/2012, p. 37]
- (10) “Disseram-me que os advogados têm a sua vida familiar afectada com **os problemas que trazem para casa**, para resolver.” [Bravo, 02/11/2010, p. 37]
- (11) “Eu e umas amigas tínhamos decidido fazer uma partida a uma inimiga nossa: **enviar uma carta** anónima **para o rapaz** de quem julgávamos que ela gostava, a contar como ela estava perdida de amores por ele.” [Bravo, 03/05/2011, p. 31]
- (12) “**Fomos ao cinema** e ficamos sentadas mesmo no cimo da sala, nos últimos lugares.” [Bravo, 03/05/2011, p. 31]

Quando observamos a relação entre o uso das preposições e a natureza do complemento, percebemos, na revista *Capricho*, que existe a prevalência das preposições **até**, **em** e **para** com os complementos “lugar” e “ser animado”. Entretanto, a preposição **a** se destaca quando o complemento verbal apresenta “noção abstrata” ou foi classificado como “evento” ou “instituição”. Temos, respectivamente nos casos abaixo, alguns exemplos. Nenhum caso com o complemento “objeto” foi encontrado.

- (13) “Eu estou **indo para uma escola** nova e minha prima, que estuda lá, está dizendo que todo mundo vai me achar patii.” (Complemento lugar) [Capricho, 08/02/2004, p.36]
- (14) “Assim que comprei a revista, **levei para a minha costureira** tirar o modelo.” (Complemento ser animado) [Capricho, 08/11/2009, p. 8]
- (15) “Hoje em dia penso muito no futuro, mas aprendi a **dar mais valor ao presente!**” (Complemento noção abstrata) [Capricho, 08/01/2006, p. 96]
- (16) “**Fui ao show** do Skank e queria conhecer o Samuel Rosa” (Complemento evento) [Capricho, 02/06/2002, p. 94]
- (17) “**Esta pergunta** absurda não **chegou à redação**.” (Complemento instituição) [Capricho, 04/04/2004]

Podemos pensar que a prevalência de “outras preposições” com os complementos “lugar” e ser “animado” aconteça, pois, de alguma forma, correspondem a também prevalência dos verbos de direção e transferência verbal, de modo que estes sejam os complementos mais indicados para os tipos verbais em questão. Temos que dos 188 casos com as preposições **até**, **em** e **para**, 129 deles correspondem a um complemento “lugar” e 56 a um complemento “ser animado”. Por outro lado, os casos em que prevalece a preposição **a** apresentam um número absoluto de ocorrências pequeno. Notamos que dos sete casos referentes ao complemento “noção abstrata”, seis deles correspondem à preposição **a**; quanto aos complementos “evento” e “instituição”, temos, respectivamente, 26 (em um total de 27) e 02 (em um total de 03) casos com tal preposição.

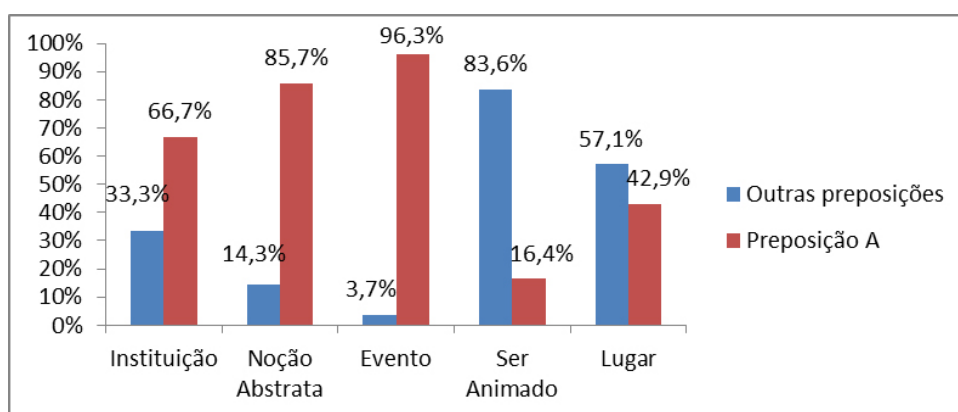


Gráfico 3: O uso das preposições e a natureza dos complementos – revista *Capricho*

É de grande importância destacar que o grupo de fatores “natureza do complemento” foi selecionado pelo programa estatístico GOLDVARB como sendo o grupo explicativamente mais relevante entre todos os outros aqui trabalhados. Quanto a isso, cabe-nos dizer que os pesos relativos de tais fatores são, desta forma, de extrema relevância para a análise e comprovação dos dados trabalhados, ajudando-nos a melhor compreender os resultados encontrados.

Ao observarmos a Tabela 2, temos os valores correspondentes aos pesos relativos de cada um dos tipos de complemento analisados e notamos que são os complementos “ser animado” e “lugar” que apresentam uma maior propensão ao uso das preposições **até, em e para**, enquanto que os outros complementos privilegiam o emprego da preposição **a**. Tais valores correspondem àqueles anteriormente mostrados por meio de índices percentuais, justificando, então, os numerosos casos encontrados quando temos o complemento “ser animado” e “lugar” empregado junto das “outras preposições”. Considera-se, aqui, para a leitura desta tabela, o *input* de 0.554.

Tabela 2: Peso relativo “natureza do complemento” – Revista *Capricho*

Peso Relativo - Natureza do Complemento					
Prep./Compl.	Instituição	Noção Abstrata	Evento	Ser animado	Lugar
Outras preposições	0.287	0.119	0.03	<b>0.804</b>	<b>0.518</b>
Preposição A	0.713	0.881	0.97	0.196	0.482

Ao voltarmos nossos olhares para a revista *Bravo*, notamos que os valores relacionados à natureza dos complementos aqui selecionados são praticamente inversos aos resultados obtidos com a revista *Capricho*. Temos, assim, a preponderância da preposição **a** com todos os tipos de complemento trabalhados, sendo que pouquíssimos casos com as preposições **até, em e para** foram encontrados. Quando analisamos o complemento “ser animado”, temos que, dos 72 casos encontrados, apenas dois apresentam a preposição **para** (com verbos de transferência verbal e transferência material), como mostrados em (18) e (19), e todos os outros a preposição **a**.

- (18) “O facto é que ela merece o mesmo respeito que tu **pedes para ti**.” [*Bravo*, 21/09/2012, p. 37]
- (19) “Eu e umas amigas tínhamos decidido fazer uma partida a uma inimiga nossa: **enviar uma carta** anónima **para o rapaz** de quem julgávamos que ela gostava, a contar como ela estava perdida de amores por ele.” [*Bravo*, 03/05/2011, p. 31]

O mesmo acontece com o complemento “lugar”, quando, dos 143 casos encontrados, apenas 40 correspondem a “outras preposições”. São esses os dois tipos de complementos que apresentam o maior número de casos com a preposição **a**, cabendo aqui a mesma justificativa empregada aos dados da revista *Capricho*: tais complementos podem também corresponder aos verbos de direção e de transferência verbal, como forma de melhor completar os sentidos por eles empregados.

(20) “Um destes dias **perguntei à minha namorada**, que tem 16 anos, se queria fazer amor comigo e ela respondeu que não.” [*Bravo*, 01/06/2010, p.32]

(21) “**Fui à praia** com o meu grupo de amigos, inclusive o rapaz que gosto!” [*Bravo*, sem data, p.18]

Vemos, no gráfico abaixo, de que modo tais complementos se relacionam com o uso dessas preposições.

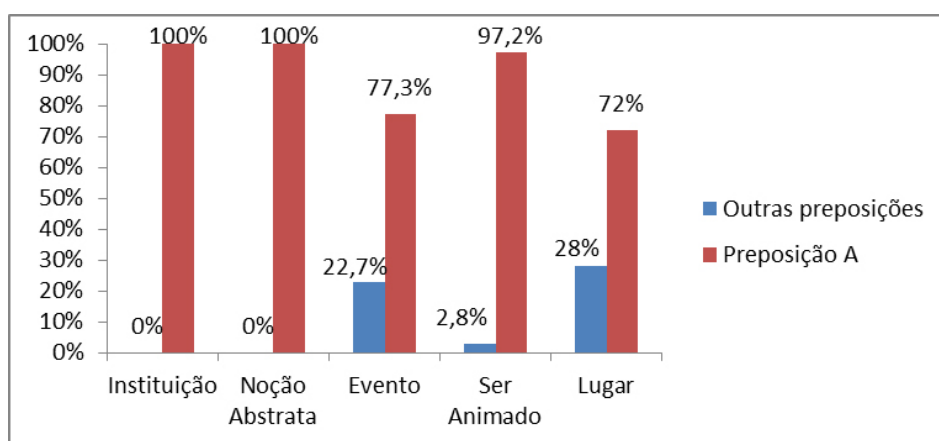


Gráfico 4: O uso das preposições e a natureza dos complementos – Revista *Bravo*

Além dos resultados já comentados, percebemos com a análise do gráfico que o complemento “evento” apresenta também um número maior de casos com a preposição **a**, aproximando-se com isso do complemento “lugar”, sendo que apenas cinco dos 22 dados encontrados correspondem à preposição **para** (04 empregados com verbos de direção e 01 com o verbo de movimento com transferência), como vemos respectivamente em (22) e (23).

(22) “Muito apressada voltei a casa e lá voltei **para ir para a aula**.” [*Bravo*, 22/02/2011, p. 31]

(23) “A minha mãe costura muito bem e decidiu fazer-me um fato-de-banho **para** este Verão. [...] Mas como a vi emocionada, tive pena de dizer que não gostava, e por isso vesti-o e **leve-o para a festa**.” [*Bravo*, sem data, p. 45]

Ainda sobre a natureza do complemento, é importante destacar aqui os casos referentes aos complementos “instituição” e “noção abstrata”, já que nenhum deles apresentou dados com o emprego de “outras preposições”. Encontramos, assim, sete casos que fazem referência à noção abstrata do complemento, todos empregados com verbos leves, e apenas dois relacionados com o complemento “instituição” e empregados com os verbos de direção e transferência verbal, mostrados nos exemplos de (24) a (27), respectivamente. Nenhum caso com o complemento “objeto” foi encontrado. Além disso, precisamos destacar o fato de nenhum grupo de fatores ter sido selecionado como relevante pelo programa

GOLDVARB, o que justifica, então, a ausência dos pesos relativos referentes à revista *Bravo* e reitera a ideia de pouca variação em relação a esses dados.

- (24) “Se a tua preocupação é seduzir, pensa que os rapazes, mais do que a beleza, **dão importância à personalidade** e sentem-se atraídos por raparigas simpáticas, com personalidade e senso de humor.” [*Bravo*, 25/01/2011, p.36]
- (25) “Para isso, terás de aprender a não **dar importância àquilo que os outros pensam de ti**, desfrutando das coisas que fazes.” [*Bravo*, 30/11/2010, p.36]
- (26) “**Vou** pela primeira vez **ao ginecologista** e estou supernervosa.” [*Bravo*, 25/01/2011, p.36]
- (27) “Em último caso, até podes **denunciá-lo à polícia**.” [*Bravo*, 06/04/2010, p.32]

É importante ressaltar aqui que a análise apresentada é ainda um estudo preliminar e inicial dos dados levantados, sendo de fundamental importância um maior aprofundamento dessa análise, assim como um detalhamento ainda mais específico dos casos trabalhados. Ainda assim, diante dos resultados levantados e até aqui mostrados, percebemos, conforme afirmamos no início dessa análise, que podemos considerar as preposições **a**, **até**, **em** e **para** como sendo variantes em contexto de complementação verbal no português.

### Algumas conclusões

Com base nos resultados encontrados, conseguimos, num primeiro momento, confirmar a hipótese inicial de que há uma maior incorporação das preposições **até**, **em** e **para** no português brasileiro. Mas igualmente importante é observar que, ainda que o português europeu apresente casos com as “outras preposições”, mais inovadoras – principalmente quando se trata dos verbos de direção e do complemento “lugar” –, tal variedade é marcada pelo uso preponderante da preposição **a**, conforme se observa nos dados retirados da revista *Bravo*, mostrando-nos que os usos no PE se aproximam mais do que está definido como norma padrão do português. Além disso, é preciso considerar que, mesmo com o uso maior dessas “outras preposições”, os dados obtidos a partir da análise da revista *Capricho* mostram-se bastante balanceados, sendo necessário ainda investigar de forma mais detalhada tais casos, de modo a justificar e melhor compreender suas ocorrências.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, J. T. *A plasticidade da voz crítica: os textos de Roberto Pompeu de Toledo na revista Veja*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, Araraquara, 2008.
- ALÉONG, S. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (Org.). *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BAGNO, M. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. *Veredas* - revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 71-83, 2003.

BERLINCK, R. A. The Portuguese dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCK, W. (Ed.) *The dative*. Vol 1: Descriptive studies. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 119-151.

\_\_\_\_\_. Dativo ou locativo? Sobre sentidos e formas do dativo no português. *Revista Letras*, n. 56, p.159-175, 2001.

\_\_\_\_\_. “Dirigiu-se para a sede social da Elite Flor da Liberdade” e “ofereceu um banquete aos visitantes”: sobre a variação de preposições em complementos verbais. *Diadorim*, n. 8, p. 287-305, 2011.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.

CASTILHO, A. T. de. *Gramática do português culto falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M.A.; NASCIMENTO, M. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. III: A construção da sentença. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

DIAS, A. Epiphânio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Portuguesa, 1970.

FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. *Estudos Linguísticos*, v. 32, 2003.

ILARI, R. et al. A preposição. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (Org.) *Gramática do português culto falado do Brasil*. v. II: Classes de Palavras. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

KNOLL, G. F.; PIRES, V. L. Relações de gênero da sociedade: palavras e imagens constituindo identidades. In: *Anais do CELSUL*. Porto Alegre, 2008.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change*. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (Org). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes na tecnologia digital. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 maio 2002b.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAGALHÃES, T. M. V. O Sistema Pronominal Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2006.

MARINE, T. C. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, Araraquara, 2009.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: Edufba, 2002.

TORRES-MORAIS, M.A.; BERLINCK, R. A. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Org.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: Edufba, 2006. v. 6, p. 73-106.